

AD 10.149-J

ENTREVISTA DE DOMINGO

Maria José Quinteira

“Pela primeira vez no Estado, um projeto social deixou de funcionar por causa do tráfico”

Consultora da área de voluntariado, em que atua há quase três décadas, ela conta como é trabalhar em comunidades onde a violência – alavancada pelo tráfico de drogas – impera

4 VILMARA FERNANDES
vfernandes@reddegazeta.com.br

Há 36 anos Maria José Quinteira deixou uma vida de luxo e riquezas em Angola, na África. Foi expulsa pela guerra que assolava seu país. Pouco tempo depois, sem família e já separada do marido, viu o corpo de sua filha de 3 anos ser consumido em queimaduras, após um acidente. Foi durante a luta pela recuperação da menina – que demandou mais de 19 cirurgias – que ela teve um encontro com o voluntariado. “Comecei doando pano de prato”, relata a mulher que se tornou um das maiores especialistas no assunto, tendo inclusive trabalhado com Ruth Cardoso na criação das comunidades solidárias. Hoje, aos 51 anos, monitora projetos para grandes empresas e capacita voluntários. É com base nessa experiência de mais de quase três décadas que avalia que o voluntariado cresceu e passou por grandes transformações, mas que enfrenta hoje outros desafios, como os conflitos decorrentes da atuação do tráfico de drogas em algumas regiões.

Os projetos sociais têm enfrentado dificuldades nas áreas onde há conflitos com o tráfico de drogas?

Não tenha dúvidas de que há interferências. Um exemplo ocorreu há algumas semanas no Morro de São Benedito, em Vitória. Lá os projetos sociais não funcionaram, fecharam as portas por dois dias em decorrência dos conflitos com o tráfico de drogas. A situação afetou até o lançamento de um livro, na comunidade, sobre este trabalho. A maior parte dos moradores não conseguiu participar do evento por causa da situação.

Foi a primeira vez em que isso aconteceu no Estado?

Faço trabalho voluntário há 30 anos e, pelas informações que recebo, foi a primeira vez que isto aconteceu no Estado. Não houve um comando específico para o fechamento. Segundo as informações que recebi, os coordenadores dos projetos acompanharam a movimentação da comunidade. Foi feita uma opção por fechar naqueles dias, por questões de segurança.

Que tipo de projeto funciona em São Benedito?

É uma comunidade bem envolvida em vários tipos de trabalhos sociais. Alguns são voltados para crianças e adolescentes, com assistência na área de música, teatro, com mães adolescentes, geração de renda, artesanato, dentre outros. Eles possuem até uma moeda própria.

O mesmo acontece em outros bairros que também vivenciam conflitos com o tráfico.

Em Terra Vermelha, Vila Velha, por exemplo, sabemos que já houve situações em que os coordenadores de um projeto que mantém uma creche às vezes precisaram negociar para que as mães levem seus filhos. Agora, não estou dizendo que os traficantes mandam no projetos sociais ou interfiram nas atividades, mas que estamos assistindo, pela primeira vez no Estado, a um projeto social não funcionar em decorrência desta crise com o tráfico.

Semelhante ao que ocorreu em outros Estados brasileiros.

“

Não há mais espaço para quebra-galho, hoje. O voluntário tem que ser orientado e qualificado”

Há seis meses voltei a visitar alguns projetos nos morros do Rio de Janeiro, onde foi possível verificar, nitidamente, como se dava a interferência do tráfico. Hoje temos comunidades mais abertas, menos tensas. Desta vez saí de lá às 21h30. Antes, as visitas eram monitoradas e tínhamos que sair às 17 horas. Então, não tenha dúvida de que há sempre interferência. Por outro lado, o voluntariado nestas áreas acaba sendo mais combativo, no sentido de se envolver mais com as causas sociopolíticas, e da própria comunidade. Quem mora em áreas mais baixas ou fora da periferia não quer ir a estes locais fazer trabalho voluntário, o que é uma pena.

Você aponta que a realidade também anda difícil para instituições que lidam com dependentes de droga.

O mercado ficou mais agressivo e mais barato. Hoje se consome mais drogas, que estão mais baratas. Uma realidade que mudou as instituições que, antes atendiam 40 pessoas e hoje só podem receber 20 e têm 80 na lista de espera. A desistência também é muito grande. Antigamente você tratava dependência em maconha, hoje em crack. Hoje é necessário internação, o remédio é caro, os processos são mais caros.

Apesar destas dificuldades, você diz que o voluntariado passou por grandes transformações nos últimos 30 anos.

Hoje o voluntariado está mais organizado, mais focado. Os papéis das pessoas e das instituições ficaram mais claros e ambos lutam por capacitação. Nas instituições o grande diferencial está na busca por uma melhor gestão, o que permite

FRASES DA SEMANA

Faz bem

“Estou reaprendendo a namorar”

Cláudia Raia

Atriz, sobre o seu relacionamento com ator Jarbas Homem de Mello

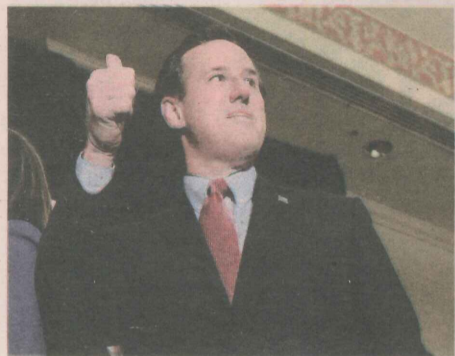


Agora mudou

“Nunca na minha vida disse ter mudado a história do samba”

Thiaguinho

Ex-vocalista do Exaltasamba, negando que tenha dito o que disse

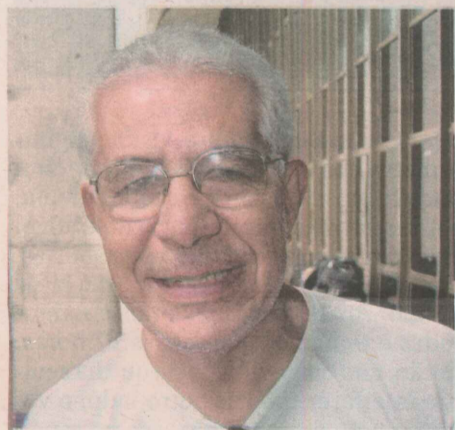


Aliados

“O senador Santorum é um hábil e valioso competidor e eu o cumprimento”

MITT ROMNEY

Pré-candidato republicano à Presidência dos EUA, elogiando o rival Rick Santorum, que desistiu das primárias

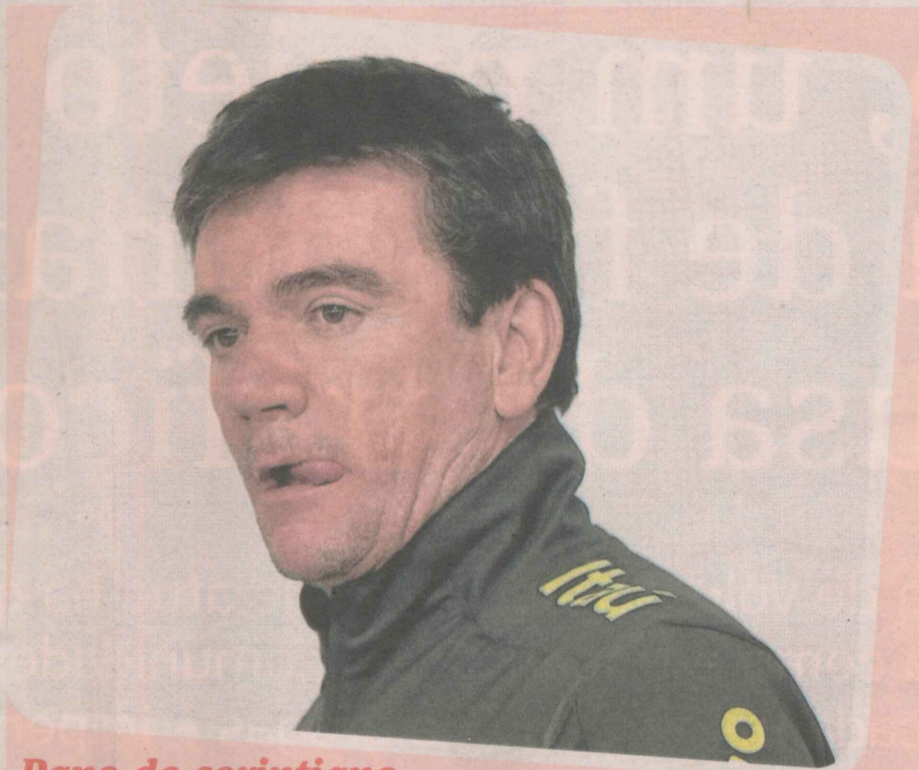


O profeta

“Com gentileza eliminaremos os problemas do mundo”

Raimundo Oliveira

Agitador cultural do Morro dos Alagoanos, ao participar de um ato pela melhoria da política habitacional do país



Papo de corintiano

“Isso aí de que o Barcelona tem uma escola de futebol, que todo mundo joga igual, é tudo balela”

ANDRÉS SANCHES

Diretor de seleções da CBF, afirmando que o time catalão não tem uma escola de futebol, mas sim que passa “apenas” por uma boa fase

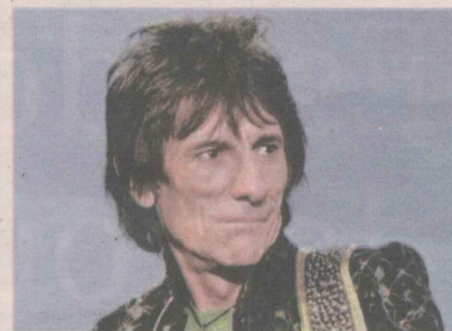


Isso é TV

“Cada vez que entro aqui é um desafio. Muita coisa nova, três jurados, câmeras, plateia, apresentador, convidados, diretor...”

PATRÍCIA ABRAVANEL

Filha de Silvio Santos, falando sobre seu novo trabalho de apresentadora de TV



Imortais

“Vamos nos juntar para fazer um ensaio e ver o que acontece”

Ron Wood

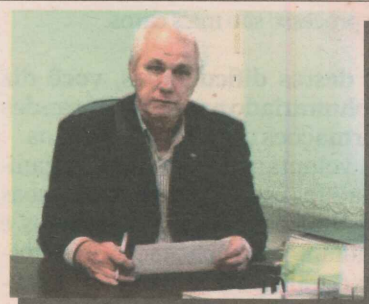
Guitarrista dos Rolling Stones, anunciando que a famosa banda inglesa volta a um estúdio neste mês para desenvolver ideias e testar novas canções

O futuro chegou

“O Brasil tem de correr muito para estar à altura dos desafios que nos apresentam no caso da ciência, da tecnologia e da inovação”

DILMA ROUSSEFF

Admitindo, na Universidade de Harvard, que o Brasil precisa superar o atraso na educação



Esthério Sebastião Colnago
Presidente do Sistema OCB-SECOOP/ES

“Há algum tempo eu vinha pensando em adquirir um imóvel. No momento da decisão não hesitei e procurei uma cooperativa habitacional, a transparência durante a negociação nos transmitiu muita segurança. Além, é claro de nos proporcionar a realização de um sonho.”



Renascimento

Maria José passou a se dedicar ao voluntariado após um sério problema de saúde da sua filha.

FOTO: Vitor Jubini

obter mais recursos e assim garantir um atendimento mais qualificado.

Isso ocorre também por uma exigência do mercado.

As empresas querem fazer os investimentos sociais em projetos que sejam estruturados e eficientes, que tragam resultados. É bom não esquecer de que a meta do segundo setor é o lucro e não será diferente com a área social. Nenhuma empresa vai ajudar uma instituição, por exemplo, em que as crianças estão fora da escola, ou de idosos malcuidados. As instituições, por sua vez, que têm como meta melhorar a qualidade de vida, já sabem que precisam estar legalizadas, apresentar uma boa gestão, caso contrário não conseguirão os investimentos.

Já não há mais espaço para o “faz tudo”?

Não, não há espaço para quebra-galho. Hoje até o voluntário procura capacitação para saber onde quer atuar, em qual área, por quanto tempo, o que vai fazer e a quem vai se dirigir para negociar o tempo dele. Tem, portanto, que ser orientado e qualificado.

Houve um aumento do número de voluntários na última década?

Sim, principalmente nos últimos cinco anos, como resultado do voluntariado corporativo. As empresas estimulam os funcionários a atuarem em projetos sociais – por elas apoiados ou não –, e mais do que isso, capacitam, treinam e qualificam estas pessoas.

O curioso é que o Espírito Santo ainda

25 anos de dedicação ao trabalho voluntário

« Maria José Quinteira, 51, é mãe de dois filhos e é formada em História pela Universidade de Huambo, Angola, África. Dedicou os últimos 25 anos ao trabalho voluntário no Estado, tendo se especializado no assunto em cursos em São Paulo e no Gets, do Canadá. Ajudou a fundar as unidades do Comunidade Solidária no Estado, programa de Ruth Cardoso – esposa falecida do ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso –; e foi a fundadora do Movimento Capixaba de Voluntários. Hoje tem uma empresa – a Realize – onde atua avaliando e monitorando projetos sociais para empresas, e dando cursos de capacitação para voluntários.

é o Estado que menos faz responsabilidade social na Região Sudeste.

E, por não investir no social, é o que menos faz trabalho voluntário. É o resultado da falta de interesse, de prioridade nas ações. E é uma pena porque temos projetos maravilhosos, instituições bem estruturadas, conscientes, principalmente fora dos grandes centros. Hoje os maiores e melhores projetos estão no interior.

Falta também interesse das pessoas em participarem.

Sim. Resultado da nossa falta de tempo de olhar para o outro. Hoje se faz tudo

tão corrido, tão rápido que se perde a oportunidade de olhar o mundo. Achar sempre que é preciso ter tempo quando na verdade o que se precisa é de compromisso e vontade.

Ainda há confusões sobre o que é o trabalho voluntário?

As pessoas ainda confundem filantropia com trabalho voluntário. Filantropia é apenas uma doação, sem envolvimento. Trabalho voluntário é doação de tempo, trabalho e talento. Na filantropia eu doo um violão. No trabalho voluntário também ensino música.

Você é angolana e veio de uma família muito rica.

Meu pai era muito pobre em Portugal, mas conseguiu montar um império em Angola. Lá conheceu minha mãe, que vinha de uma família muito rica e de um casamento desfeito com um armador. Era uma mulher muito decidida que conseguiu manter um império, mesmo após a morte de meu pai. Em minha casa comíamos em garfos de ouro e prata, usávamos xícaras de porcelana, tínhamos muito conforto. Mas foi com minha mãe que aprendi as primeiras lições de voluntariado. Um trabalho essencial para ajudar a manter os mais de 15 quimbos, algo semelhante a senzalas, onde eram abrigadas mais de 80 famílias de negros. Uma das lições era a de que não se deve dar nada de graça a ninguém. É preciso ter valor.

O que te trouxe ao Brasil?

Deixei para trás um país em guerra. Vim para reconstruir a minha vida. Aqui

cheguei com uma malinha. Logo depois meu casamento se desfez. Sem família, enfrentei as sequelas de um acidente que deixou o corpo de minha filha todo queimado. Foram 19 cirurgias para sua recuperação. Foi durante a luta pela recuperação dela que descobri que tinha potencial.

Você costuma dizer que começou com um voluntariado de pano de prato.

Doava panos de prato para o bazar de uma casa de recuperação de dependentes de drogas. Logo fui chamada para trabalhar como atendente e pouco tempo depois já estava coordenando o local. Foi muito rápido. O pano de prato foi uma porta. Depois fiz vários cursos e me especializei em voluntariado, em responsabilidade social. Uma trajetória que me permitiu trabalhar com Ruth Cardoso e a fundar o Movimento Capixaba de Voluntariado.

O que esta trajetória te ensinou?

O voluntariado no Brasil me ensinou a ser humana, a olhar para o outro como olho para mim mesma. Quando você se envolve com as causas sociais, a responsabilidade social te diz que tem que trazer resultado. Hoje o voluntariado tem que trazer resultados. Mas é preciso ir além, fazer outras reflexões. Lutamos tanto por trabalhos legais, atuações empresariais mais participativas, ecológicas, pelo consumo consciente, e compramos produtos da China, um país que usa trabalho infantil? Como vamos equacionar isso? Onde está nossa responsabilidade social? São reflexões que precisamos fazer.